

HILDA HILST

*a obscena
senhora*

D.

Respiro e persigo
uma luz de outras vidas

E ainda que as janelas se fechem, meu pai
É certo que amanhece.

*Dedico este trabalho,
assim como o anterior, "Da Morte, Odes Mínimas",
e também meus trabalhos futuros (se os houver)
à memória de Ernest Becker
por quem sinto incontida veemente apaixonada
admiração.
H.H.*

Para poder morrer
Guardo insultos e agulhas
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer
Desarmo as armadilhas
Me estendo entre as paredes
Derruídas.

Para poder morrer
Visto as cambraias
E apascento os olhos
Para novas vidas.

Para poder morrer apetecida
Me cubro de promessas
Da memória.

Porque assim é preciso
Para que tu vivas.

Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome, nem porisso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos, vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nos fios, nas torçuras, no fundo das calças, nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo, nos mínimos, um dia a luz, o entender de nós todos o destino, um dia vou compreender, Ehud compreender o quê?

isso de vida e morte, esses porquês
escute, Senhora D, se ao invés desses tratos com o divino, desses luxos do pensamento, tu me fizesses um café, hen? E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas, encostava a boca nos pelos, no meu mais fundo, dura boca de Ehud, fina úmida e aberta se me tocava, eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, Ehud, por favor, queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que

vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo. Agora que Ehad morreu vai ser mais difícil viver no vão da escada, há um ano atrás quando ele ainda vivia, quando tomei este lugar da casa, algumas palavras ainda, ele subindo as escadas

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? Não, não compreendia nem compreendo, no sopro de alguém, num hálito, num olho mais convulsivo, num grito, num passo dado em falso, no cheiro quem sabe de coisas secas, de estrume, um dia um dia um dia

Quando Ehad morreu morreram também os peixes do pequeno aquário, então recortei dois peixes pardos de papel, estão comigo aqui no vão da escada, no aquário dentro d'água, não os mesmos, a cada semana recorto novos peixes de papel pardo, não quero mais ver coisa muito viva, peixes lustrosos não, nem gerânios maçãs romãs, nem sumos, suculências, nem laranjas

Engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito

te deita, te abre, finge que não quer mas quer, me dá tua mão, te toca, vê? está toda molhada, então Hillé, abre, me abraça, me agrada

Engolia o corpo de Deus, devo continuar engolia porque acreditava, mas nem porisso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, Este aqui dentro nada tem a ver com isso, Este, O Luminoso, O Vívido, O Nome, engolia fundo, salivosa lambendo e pedia: que eu possa compreender, só isso. Só isso, Senhora D? Compreender o jogo brinquedo do Menino Louco, pensa um pouco, Hillé, pensa no sinistro lazer de uma criança louca, ou pensa em crianças brincando com gatinhos, com ratos, com tristes cadelas vadias, ó vinde a mim as criancinhas, que sabemos nós de criancinhas? Como pôde dizer isso, ele que dizia que muito sabia?

Casa da Porca, assim chamam agora a minha casa, fiquei mulher desse Porco-Menino Construtor do Mundo, abro a janela nuns urros compassados, espalho roucos palavrões, giro as órbitas atrás da máscara, não lhes falei que recorto uns ovais feitos de estopa, ajusto-os na cara e desenho sobrancelhas negras, olhos, bocas brancas abertas? Há máscaras de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos), há uma máscara de ferrugem e esterco, a boca cheia de dentes, há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade - quadrados negros pontilhados de negro - alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho

Hillé, andam estranhando teu jeito de olhar

que jeito?

você sabe

é que não compreendo

não compreende o quê?

não compreendo o olho, e tento chegar perto.

Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir, para onde EHUD, o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos, o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças, o que é pensar, o que é nítido, sonoro, o que é som, trinado, urro, grito, o que é asa hen? Lixo as unhas no escuro, escuto, estou encostada à parede no vão da escada, escuto-me a mim mesma, há uns vivos lá dentro além da palavra, expressam-se mas não compreendo, pulsam, respiram, há um código no centro, um grande umbigo, dilata-se, tenta falar comigo, espio-me curvada, winds flowers astonished birds, my name is Hillé, mein name madame D, EHUD is my husband, mio marido, mi hombre, o que é um homem?

escuta, Hillé, aqui na vila, está me ouvindo Senhora D?

sim

então escuta, aqui na vila me perguntam por você todos os dias, eles me veem trazer o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D. é um pouco complicada, tenta, Hillé, algumas vezes lhes dizer alguma palavra, você está me ouvindo?

te amo, Hillé, está escutando?

sim

olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo,

as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?

sim

e você gostava, me lembro das noites que você fazia o café, depois o roupão branco, teus peitos apareciam, eles não caíram os teus peitos, o que é que você faz, hen? escute Senhora D, estou descendo a escada, bem devagar, está ouvindo os meus passos?

sim

então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão de escada

não venha, Ehud, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube você se deitava comigo, mesmo não sabendo

sim

perguntando sempre mas deitava.

sim

quer dizer que nunca mais a gente vai meter?

não sei

Vai voltando ao quarto, vai subindo as escadas, é ereto, magro, longilíneo, as sobrancelhas eriçadas, coça com o indicador a bochecha pálida, o mesmo gesto de menino, há um traço rosado nesse pequeno espaço, a bochecha pálida em um traço, um lustro. Cicatriz. Um gato. E o que quer dizer isso de Ehud não estar mais? O que significa estar morto? O traço, a fita mínima na bochecha pálida, o lustro en-

controu outro rosto? Estar morto. Se Ehud Foi algum dia, continua sendo, se não Foi, NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehud não era, e então depois Foi não sendo? As horas. Êxtase. Secura. Ar-di diante do lá fora, bebi o ar, as cores, as nuances, parei de respirar diante de uns ocres, umas fibras de folha, uns pardos pequeninos, umas plumas que caíam do telhado, branco-cinza, cinza-pedra, cinza-metal espelhado, e tendo visto, tendo sido quem fui, sou esta agora? Como foi possível ter sido Hillé, vasta, afundando os dedos na matéria do mundo, e tendo sido, perder essa que era, e ser hoje quem é? Quem a mim me nomeia o mundo? Estar aqui no existir da Terra, nascer, decifrar-se, aprender a deles adequada linguagem, estar bem não estou bem, Ehud ninguém está bem, estamos todos morrendo Antes havia ilusões não havia? Morávamos nas ilusões. Ehud, e se eu costurasse máscaras de seda, ajustadas, elegantes, por exemplo, se eu estivesse serena sairia com a máscara da serenidade, leve, pequenas pinceladas, um meio sorriso, todos os que estivessem serenos usariam a mesma máscara, máscaras de ódio, de não disponibilidade, máscaras de luto, máscaras do não pacto, não seria preciso perguntar vai bem como vai etc., tudo estaria na cara Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim, te procuro, vômito, Menino-Porco, ando galopando desde sempre búfalo zebu girafa, derepente nos capins resfolegando, sou um grande animal, úmido, lúcido, te procuro ainda, agora não articulo, também não sou mudo, uns urros, uns finos fortes

escapam da garganta, agora eu búfalo mergulho, uns escuros

Senhora D, a viva compreensão da vida é segurar o coração. me faz um café

E nos escuros, eu búfalo não temo, sou senhor de mim, não sei o que é escuro mas estou amoldado, a água nos costados, deslizo para dentro de mim, encantamento de um focinho de águas, nem te presinto, vibro as patas, sou senhor do meu corpo, um grande corpo duro, eu búfalo sei da morte? eu búfalo rastejo o infinito?

segurar o coração foi isso que você disse?

e pedi um café também

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernos controlando o mundo, o ouro saindo pelos desodorizados buracos, logorreia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiii morte chiii, falemos do aqui agora.

falando sozinha senhora D? sabe, Hillé, você deve ver as pessoas, você deve foder comigo, deve se arrumar um pouco, outro dia vi uma saia longa dessas que você usa mas tão linda, uns frisos escarlates, o tecido amanteigado púrpura, entrei na loja e pensei comprá-la, a mocinha disse ficará lindo na sua senhora, ela é alta? magra? eu disse bem, nem muito alta nem muito magra, é loira, tem sardas, não podia falar dos teus peitos duros mas falei tem um lindo busto, ah isso falei, aliás observação inútil em rela-

ção à saia, mas falei, então se é loira, senhor, vai ficar adorável nesses tons, ia comprar mas aí vi pequenos esgarçados, tocando o tecido dava a impressão de que estava tostado do sol das vitrinas, parecia velho de perto, coisa usada, então não quis, mas deve haver outras, hen, não gostarias?

Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terás muita luz no olho se me olhares, a cabeça procura sempre o chão, o beijo quer o verde sempre, se levanto a cabeça olho como quem não vê, procuro como quem não procura, corro se os outros correm ouvindo a voz do homem he boi he boi, que coisa crua empedrada a voz do homem, que cheiro o cheiro do homem, sendo girafa olho alto, estufo de langores, sobrepasso, sendo girafa no vão da escada encolho, franzida me agacho, sendo girafa te procuro mais perto, lambadura acontecível isso de Hillé ser búfalo zebu girafa, acontecível isso de alguém ser muito ao mesmo tempo nada, de olhar o mundo como quem descobre o novo, o nojo, o acogulado, e olhando assim ainda ter o olho adíafano, impermissível, opaco
senhora D, senhora D, olhe, dois pãezinhos para a senhora, fui eu mesma que fiz, sou sua vizinha, se lembra? olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehud ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela asustam as minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra

mim, ai ó Antônia, ó Tunico, só quis dar o pão pra
ela e olha como ficou, tá pelada, ai gente, embirutou,
credo nossa senhora, é caso de polícia essa mulher
quem te mandou, Luzia, entrar na casa da mulher,
hen, quem te mandou? se ela ficou pelada tá na casa
dela, volta pra casa mulher, que pão que nada, não
tá vendo que o demo tomou conta da mulher?
porca, exibida cadela, ainda bem que é só no
pardieiro dela que mostra as vergonhas
é nada, e as caretonas que exhibe na janela, alguém
tem o direito de assustar os outros assim?
he he Luzia, teu traseiro também assusta muita
gente teu cu também, tua faccia
tua boca repelente sem dente também
credo a vizinhança endoidou
olha a freira passando
olha o doutor com a madama dele
olha o cuzaço da madama do doutor
Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gen-
tes sou como uma grande porca acinzentada, diante
de muitos a quem conheci sou uma pequena porca
ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, foci-
nhando carne e ossatura, tentando chegar perto do
macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso,
diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria,
paradoxo, Hillé diante do pai foi o segredo, a escuta,
a concha, o que é paixão? o que é sombra? eu mes-
mo te pergunto e eu mesmo te respondo: Hillé, pai-
xão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a
boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua
camada de emoções, escarlate sobre a tua vida, pai-
xão é esse aberto do teu peito, e também seu deserto.
E sombra, Hillé, é nosso passo, nossa desesperançada

subida. E para Ehud, Hillé, foi apenas uma letra D. primeira letra de Derrelição, code curva comprimindo uma haste, verticalidade sempre reprimida, cancela, trinco, tosco cadeado. Textos, palavras, e de repente a mão do Porco-Menino me entupindo a boca de terra, de cascalho, de palha. Engasgo neste abismo, cresci procurando, olhava o olho dos bichos frente ao sol, degraus da velha escada, olhava encostada, meu olho naquele olho, e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava

que foi Hillé?

o olho dos bichos, mãe

que é que tem o olho dos bichos?

o olho dos bichos é uma pergunta morta.

E depois vi os olhos dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas e pombas rodeando um oco e vi um túnel extenso forrado de penugem, asas e olhos, caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medos garras sangrentas segurando ouro, geografias do nada, frias, álgidas, vórtices de gentes, os beiços secos, as costelas á mostra, e rodeando o vórtice homens engalanados fraque e cartola, de seus peitos duros saíam palavras Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia, vi o Porco-Menino estremecendo de gozo vendo o Todo, suas mãozinhas moles reverberavam no cinza oleoso, ele estendia os dedos miúdos para o alto, procurava quem? Seu irmão gêmeo, estático, os olhos cegos em direção ao próprio peito, a cabeça pendida, o corpo perolado, excrescência e nácar.

Venho, Senhora D, a pedido da vila, a confissão, a

comunhão, não quer? meu nome é
de onde vem o Mal, senhor?
misterium iniquitatis, Senhora D, há milênios luta-
mos com a resposta, coexistem bons e maus, o cor-
po do Mal é separado do divino.
quem criou o corpo do Mal?
Senhora D, o Mal não foi criado, fez-se, arde como
ferro em brasa, e quando quer esfria, é gelo, neve,
tem muitas máscaras, por sinal, não gostaria de se
desfazer das suas, e trazer a paz de volta à
vizinhança?
e como é o corpo do Mal?
de escuridão e ouro
só tenho coisas baças, peixes pardos, frutas secas,
sacos, ferrugem, esterco e meu próprio barro: a
carne.
por que fecha sempre as janelas?
e por que devo abri-las?
e por que as abre de repente e assusta as gentes e
grita?
o corpo é quem grita esses vazios tristes
por que não alimenta o corpo com benquerença,
aceitando o agrado dos outros?
porque o corpo está morto
e a alma?
a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os
olhos agora, e te vê cheio de perguntas
sou um homem como outro qualquer, Senhora D
então rua rua, fora, despacha-te homem como outro
qualquer
Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouqui-
dões, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e
espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados

pregos), respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados como calcáreos alguns, outros finos pontudos, lívidos, grossos como mourões pra segurar touros nervosos, secos como o sexo das velhas, molhados como o das jovens cadelas, fulguerosos encachoeirados num luxo de drapejamento, esgoelo, e toda vizinhança se afasta da janela, vagidos de criança, roncos, latidos, depois com estrondo me fecho. Deito sobre a palha no meu vão de escada, toco dentro das águas os peixes pardos, esfarelam-se, é preciso recortar os novos, talvez deva usar um papel mais encorpado para resistirem mais tempo dentro d'água, o mundo, ah por que não me colocaram uma crosta calosa, ao invés da carne uma matéria de fibras muito duras, e esticadas e tesas, essas cordas do arco, justapostas, ligadas, Jonathas e David fundidos, cordas de outra carne, massa imbatível e viva sobre Hillé, iria suportar a caduquice do mundo, o soco, a selvageria, a bestialidade do século, a fetidez da terra, iria suportar até, com Jonathas e David fundidos sobre a carne, as retinas cruas, as córneas espelhadas, as mil perguntas mortas. Iria? suportaria guardar no peito esse reservatório de dejetos, estanque, gelatinoso, esse caminhar nítido para a morte, o vaidoso gesto sempre suspenso em ânsia para te alcançar, Menino-Porco? Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? e apesar dessa poeira de pó, de toda cegueira, do aborto dos dias, da não luz dentro

da minha matéria, a imensa insuportável funda nostalgia de ter amado o gozo, a terra, a carne do outro, os pelos, o sal, o barco que me conduzia, umas manhãs de quietude e de conhecimento, umas tardes-amora brevíssimas espirrando sucos pela cara, rosada cara de juventude e vivez, e uma outra cara de mansa maturidade, absorvendo o que via, lenta, os ouvidos ouvindo sem ressentimento.

deverias ter casado com outro

por que?

esses doutos, falantes, esses da filosofia, ai, devemos nos amar, Hillé, para sempre, eu te dizia: tu tens vinte agora, eu vinte e cinco, pensa tudo isso não vai voltar, não terás mais vinte nem eu vinte e cinco, teremos cinquenta cinquenta e cinco, e vais ficar triste de teres perdido o tempo com perguntas, pensa como serás aos sessenta. eu estarei morto.

por que?

causa mortis? acúmulo de perguntas de sua mulher Hillé.

Subíamos juntos os degraus desta mesma escada. a cama. o gozo. o ímpeto. depois sono e tranquilidade de Ehad. seus débeis sonhos? modéstia. humildade. e cólera muitas vezes: vida, morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca. Bonito Ehad. Afilado, leve, caminhava de um jeito como se soubesse que encontraria tudo nos seus lugares certos, como se nele Ehad, morasse o Tempo, e Ehad o domasse. Por que me escolheu? Talvez porque no início pensasse que eu encontraria as respostas, e ele então saberia?

você vai achar, Hillé, seja o que for que você procura.

como é que você sabe?
porque nada nem ninguém aguenta ser assim
perseguido
o que é Derrelição, EHUD?
vem, vamos procurar juntos, Derrelição Derrelição,
aqui está: do latim, derelictione, Abandono, é isso,
Desamparo, Abandono. Por que?
porque hoje li essa palavra e fiquei triste
triste? mesmo não sabendo o que queria dizer?
DERRELIÇÃO. não, não parece triste, talvez porque
as duas primeiras sílabas lembrem derrota, e lição é
sempre muito chato. não, não é triste, é até bonita.
Desamparo, Abandono, assim é que nos deixaste.
Porco-Menino, menino-porco, tu alhures algures acolá
lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando
sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer:
que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca
alcance, que sinta amor sim mas nunca fique pleno, que
intua sim meu existir mas que jamais conheça a raiz do
meu mais ínfimo gesto, que sinta paroxismo de ódio e
de pavor a tal ponto que se consuma e assim me liberte,
que aos poucos deseje nunca mais procriar e coma o cu
do outro, que rasteje faminto de todos os sentidos, que
apodreça, homem, que apodreças, e decomposto, corpo
vivo de vermes, depois urna de cinza, que os teus pares
te esqueçam, que eu me esqueça e focinhe a eternidade
à procura de uma melhor ideia, de uma nova
desengonçada geometria, mais êxtase para a minha
plenitude de matéria, licores e ostras
vem vem depressa, Hillé, olha um bichinho tão delicado
engolindo o outro

tira, Ehud, não deixa, para para
não grita, imagine, quem sou eu para decidir da vida
e da fome de um outro

Quem sou eu para te esquecer Menino Precioso,
Luzidia Divinoide Cabeça? se nunca fazes parte do
lixo que criaste, ah, dizem todos, está em tudo, no
punhal, nas altas matemáticas, no escarro, na pia,
nas criancinhas mortas, no plutônio, no actínio, na
graça do teu pimpolho, no meu vão de escada, nesta
palha, em Ehud morto. Ele está em ti, Ehud, agora
que estás morto? como é o Menino Precioso dentro
de Ehud morto? fervilha, tem muitas cores, pulula,
Corpo de Deus em Ehud morto é difícil de ser visto
pelo olho do vivo, cobrimos nosso rosto, volteamos,
procuramos para as nossas narinas um tecido grosso,
Ehud morto possuído de Deus é um todo de carne
repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud
tuas unhas limpíssimas escovadas a cada dia, tua lisa
mucosa, o ventre que cuidavas, as omoplatas retas,
os pés de Ehud, longos, sóbrias as curvas das arcadas,
os pequenos espaços do teu corpo de carne são do
Todopoderoso agroa propriedades, como estão,
Ehud, teus pequenos espaços de carne? E teu
esôfago, tua língua, e os pelos das tuas sobrancelhas
erichadas, e as pálpebras pálidas, e as mãos e as
palmas? E o sexo, Ehud?

se cuidasses um pouco do teu corpo, Hillé, andas
curvada

o que é o corpo?

se caminhasses um pouco, por exemplo: duas vezes
por dia subias e descias a pequena ladeira aqui da
vila, respiravas lenta, um certo ritmo é bom quando

se caminha, lembra como caminhávamos? te lembras de um brilho que vias numa pequena colina naquele passeio às águas? e como te esforçaste para subir a colina? e o que era afinal aquele brilho? sim, me lembro, uma tampinha nova de garrafa, uma tampinha prateada

como são todos os brilhos no cume de todas as colinas. exageros. a Terra não é uma tampinha prateada como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?

estavas suada. um vestido de ramos, azulado, onde é que foi parar aquele vestido? e um colar mínimo, de âmbar, perdeste? dizias: Ehud, vem, corre, brilha demais para não ser nada.

ái achei a tampinha

é. está bem. mas vamos esquecer, já mudaste a cara. achei a tampinha e dei um grito, não foi, Ehud? e chorei esgoelada

foi. mas por favor vamos esquecer. fui falando mas não me lembrava do fim.

eu gritando que Deus era um menino louco e vamos dormir, vem.

Um menino louco, vamos dormir vem, sim vamos dormir, como é o Tempo, Ehud, no buraco onde te encontras morto? como vive o Tempo aí? Escuro, e derepente centelhas de cores, como é que o Tempo do inchado, do verme, do asqueroso? O que é asqueroso? Como é o Tempo no úmido do fosso? Pergunto ao

Menino Louco: estás aí com Ehad? Morte, asquero-
so, inchado, vermes, fosso fazem parte de ti?
Hillé, nada de mim é extensão em ti
Não fizemos um acordo?
O quê?
Não és Pai?
Nem sei de mim, como posso ser extensão num
outro?
Não houve um contrato?
Quê? Estás louca. Vivo num vazio escuro, brinco
com ossos, estou sujo sonolento num deserto, há o
nada e o escuro
Não te escuto
Digo que durmo a maior parte do tempo, que estou
sujo
O quê? O que, meu Deus? Não te escuto
Que um dia talvez venha uma luz daí
Quê?

É uma sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ain-
da tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Pode-
mos botar fogo na casa durante a lua nova. Com as
casas quase coladas? Dá-se um jeito, fogaréu que vai dar
gosto. O Nonô metido a demo, a polícia, tu sabes
que vive enfiando prego no cu do gato, pois é, pois
o Nonô se mijô quando viu a caretona dela na jane-
la. Casa da porca. Olhe, eu tive um porco que era
um ouro, era um porco de bem, macio, gordo como
poucos, atendia pelo nome de nhenhen, foi ficando
tão gordo tão macio tão delicadeza, que foi servido só

de sobremesa. Olha, eu comi outro dia uma carne, o sangue na tijela era sangue grosso, uma beleza, a Lazinha se lambuzava toda, passava até no rosto, ficou corada como imagem da virgem, uma que tinha lá na minha cidade, comemos tanto que o umbigo ficou esticado, depois foi duro pra durmi, tive que durmi de lado, e pra metê, meu chapa, nem se fala, eu e a Lazinha, dois bumbo se batendo, sabe Antônio, a vida é tão cheia de tranquera, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gente, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antônio, a vida fica triste. é, tá certo, isso de comer e de meter faz muito gosto, que coisa que tem mais na vida? que coisa? depois da morte os bicho, nem fumo pra pito, nem meteição nem nada, depois da morte aquela fome, aquela escuridão, tu acredita em alma de defunto seu Tunico? besteira, o mundo tá muito voluído, não tem mais disso não. e Deus? olhe, isso é assunto de padre, de ministro, de político, é Deus todo dia dentro da boca, de dia Deus, de noite a teta de uma, a pomba de outra, eles é que se regaleiam, viu? Miudez, quentura, gosto. Mover-se pouco. Não dizer. As mãos na parede. No corpo. Pensar o corpo, tentar nitidez. Hillé menina tateia EHUD menino. Dedos dos pés. Se a gente mastigasse a carne um do outro, que gosto? e uma sopa de tornozelo? E uma sopa de pés? Na comida não se põe pé de porco? Por que tudo deve morrer hen EHUD? Por que matam os animais hen? Pra gente comer. É horrível comer, não? Tudo vai

descendo pelo tubo, depois vira massa, depois vira bosta. Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção. Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível EHUD. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. E Deus? Deus entra e sai, EHUD? Isso não sei. O padre diz que Deus está dentro do coração. Então espia o teu, vê se ele tá lá dentro. Tô espiando. Tá? Não. Deixa eu escutar o teu coração. Nossa, tá batendo. Claro, o teu também, deixa eu escutar. Sabe, Hillé, você tem cheiro diferente do meu, tem cheiro de leite, imagine. Tem sim. Te cheira. O pai tem cheiro bom, a mãe também. Eles usam perfume. Por quê? Não é bom a gente cheirar o cheiro da gente? Não sei. Por que a gente se veste? É feio ficar pelado? Eles dizem que é. Por quê? Olha a lagarta, ela tá pelada, coitada. EHUD, escuta: você já viu Deus? Eu não, Deus me livre. Por quê? Ah, sei lá, a gente não conhece. EHUD, escuta: você também vai morrer? Eu não. Como é que você sabe? Só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.

Sessenta anos. Ela Hillé, revisita, repasseia suas perguntas, seu corpo. O corpo dos outros. Como é que foi mesmo isso do Rimbaud carregando ouro? Quarenta mil francos em ouro. Judiou do corpo? Ele tinha uma amante abissínia, ele era delicado e doce com ela, ele andava muito, sempre faminto. Depois não, depois tinha ouro. Por que o ouro é ouro? Por

que o dinheiro é dinheiro? Por que me chamo Hillé e estou na Terra? E aprendi o nome das coisas, das gentes, deve haver muita coisa sem nome, milhares de coisas sem nome, e nem porisso elas deixam de ser o que são, eu se não fosse Hillé seria quem?

Alguém olhando e sentindo o mundo

Alguém, nome de ninguém

esse aí não é nada

esse sim é alguém

Revisito, repasseio, passeio novamente em nova visita paisagens e corpo, eu teria amado Franz K. riríamos, leríamos juntos com Max e Milena nossos textos bizarros, e cartas, conferências, segredos em voz alta, eu teria amado Tausk e teríamos nos matado juntos, tiro e forca, dois corpos mutilados, teus olhos, Tausk, teus maxilares, tua alma, Victor, toda tua perdição, nunca haveria respostas, nunca, anotaríamos em roxo nossas irrespondíveis perguntas, tudo uma só pergunta

assinado: Tausk-Hillé.

E sobre as tumbas esse mesmo sinal em granito rosa, majestoso, ao redor umas sempre-vivas, uns lírios quem sabe, uns espinhos para Lou e Freud se machucarem, ah, não viriam, isso sabemos, ela talvez viesse na manhã fria, sua gola de pele, Tausk-Hillé, tão brilhantes que vocês eram, então mataram-se?

Está me ouvindo, Hillé? Eu disse que estou sujo, entre os ossos, num vazio escuro.

Eu também, Senhor, eu também.

Convém lavarmo-nos, pelos e sombras, solidão e desgraça, também lavei Ehud no fim algumas vezes, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas, Ai Se-

nhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás mas quantas vezes pensado, escondido atrás, todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás, discurseiras, senado, o colete lustroso dos políticos, o cravo na lapela, o cetim nas mulheres, o olhar envesgado, trejeitos, cabeleiras, mas o buraco ali, pensaste nisso? Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco? Estás me ouvindo? Altares, velas, luzes, lírios, e no topo uma imensa rodela de granito, umas dobras no mármore, um bellissimo ônix, uns arremedos de carne, do cu escultores líricos. E dizem os doutos que Tua Presença ali é a mais perfeita, que ali é que está o sumo, o samadhi, o grande presunto, o prato.

me chamaste, Ehad?

Senhora D, querida Hillé, murmuras hen? os segredos da carne são inúmeros, nunca sabemos o limite da treva, o começo da luz, olhe, Hillé, não gostarias de me fazer um café? os intrincados da escatologia, os esticados do prazer, o prumo, o todo tenso, as babas, e todas as tuas escamosas escatologias devem ser discutidas com clérigos, confrades, abriste por acaso hoje o jornal da tarde? Não. Então não abriste. pois se o tivesses feito terias visto a fome, as criancinhas no Cambodja engolindo capim, folhas, o inchaço, as dores, a morte aos milhares, se o tivesses feito terias chamado Soler teve suas mãos mutiladas, cortadas a pedaços, perdeu mais de quatro litros de sangue an-

tes de morrer, e com ele morreram outros golpeados com cacetetes, afogados em recipientes contendo água imunda e excrementos, depois pendurados pelos pés, estás me ouvindo, Hillé, matam, torturam, lincham, fuzilam, o Homem é o Grande Carrasco do Nojo, ouviste?

Sim.

Então, Senhor, Menino Precioso, ouviste Ehud também? Meu nome é Nada, faço caras torcidas, as mãos viradas, vou me arrastando, capengo, só eu e o Nada do meu nome, minhas mesquinhas, meu ser imundo, um Nada igual ao Teu, repensando misérias, tentando escapar como Tu mesmo, contornando um vazio, lembrando. Tens memória? Nostalgia? Um tempo foste outro e agora és um que ainda se lembra do que foi e não o é mais? Tiveste inestimáveis ideias, soterradas hoje, monturo e compaixão? Alguém se dirigiu a Ti com tais pedidos? Estes: olhe, Hillé, toma esta peneira e colhe água do rio com ela, olha, Hillé, aqui tens a faca, corta com ela a pedra, pedaço por pedaço, depois planta e vê se medra, olha, Hillé, aqui tens o pão mas só podes comê-lo se dentro dele encontrares o grão de trigo inteiro, e de quem o colheu a própria mão, olha, Hillé, aqui tens a tocha e o fogo, engole, e assim veremos o que se passa nos teus olhos.

olha Hillé a face de Deus

onde onde?

olha o abismo e vê

eu vejo nada

debruça-te mais agora

só névoa e fundura

é isso. adora-O. Condensa névoa e fundura e constrói

uma cara. Res facta, aquieta-te.
E agora vejamos as frases corretas para quando eu
abrir a janela à sociedade da vila:
o podre cu de vocês
vossas inimagináveis pestilências
bocas fétidas de escarro e estupidez
gordas bundas esperando a vez. de quê? de cagar
nas panelas
sovacos de excremento
buraco de verme no oco dos dentes
o pau do porco
a buceta da vaca
a pata do teu filho cutucando o ranho
as putas cadelas
imundos vadios mijando no escuro
o pó o pinto do socó o esterco o medo, olha a can-
çãozinha dela, olha o rabo da víbora, olha a morte
comendo o zóio dela, olha o sem sorte, olha o es-
queleto lambendo o dedo
o sapo engolindo o dado
o dado no cu do lago, olha, lá no fundo
olha o abismo e vê
eu vejo o homem. escuta escuta, queria te contar
esta estória, aquieta-te:
enquanto ela morria, o homem fornicava
com quem?
com a criada que cuidava dela. ruídos de gozo e ago-
nia, duetos, scherzos, moderatos, sons de cítara e
sabre
era um louco
não. um homem
bem, então um homem louco

não, um homem, apenas o sexo saudável, um que não amolece diante do sangue, do cheiro, que vê vida e morte tudo natural, naa tuu rall, tudo é muito natural, morrer ó morrer faz parte da vida, mocinha, que bobagem, óóóóóhhh

Enquanto agonizava ela dizia: um dia juntos outra vez, meu amor, obrigada por tudo, é a tua mão essa que sinto na minha?

e era a mão dele?

não, eu menti, era a minha mão, eu disse sim estaremos juntos, imitei a voz dele, escorria das narinas um baço rosado, eu ia enxugando suor e corrimentos, através das paredes vinham os uivos da outra, nomes pequeninos, cochichos, falinhas de grilo, curtos ganidos, doçuras. Agonizava essa e eu encostava o ouvido à sua boca, ouvia: querido, perdoa incompreensão, recusa, indiferença de muitos dias, perdoa solidões, os contatos com o nada, a palha colada à alma, perdoa se não te dei claridade, emoção, se quando tu me querias os olhos se banhavam de umas águas do passado

Eu Hillé respondia esquece esquece, está tudo bem agora. Mentia.

é preciso que eu fale, é a hora da morte, não é? avançam os guardados da alma, alguns toscos pesados, brilhos, me escuta por favor, tudo se esvai, escuta

Eu Hillé respondia sim estou perto escuto sabe, às vezes queremos tanto cristalizar na palavra o instante, traduzir com lúcidos parâmetros centelha e nojo, não queremos?

sim

então, eu queria também, queria sim tocar teu medo

teu amor tua vaidade de homem, existir no teu sonho, me ouves?

sim

espera, que gritos são esses agora?

hen?

como se alguém estivesse morrendo antes de mim, se muere alguien?

não, eu não escuto nada. Mentia.

ouve, sim sim, alguém agoniza antes de mim

Gritos como facas rombudas, soluços, me muero si, me muero, as pedras polidas, o frio, há anos que te procuro

eu também.

há anos que queria ter cordas, malhas de fio-ferida à minha volta, há anos que queria pertencer, ouviste?

sim.

Ehud, tua macieza me voltando, lividez do teu rosto, dentes saliva, espasmo vivo e grosso, que coisa o corpo vivo e jovem, que rutiliza lá dentro, quantos anos temos agora? vinte? vinte dois? vinte cinco? o pranto da velhice relembrando, o pardacento, o esfarinhado sobre a mesa, era o pão? que coisas tínhamos sobre a mesa?

romãs e laranjas.

o esfarinhado no corpo da alma agora, papéis sobre a mesa, palavras grudadas à página, garras, frias meu Deus, nada me entra na alma, palavras grudadas à página, nenhuma se solta para agarrar meu coração, tantos livros e nada no meu peito, tantas

verdades e nenhuma em mim, o ouro das verdades
onde está? que coisas procurei? que sofrido em mim
se fez matéria viva? que fogo, Hillé, é esse que sai
das iluminuras, folheia, vamos, toca

se esta muriendo, si, que gemidos meu Deus, não
tenho muito tempo, muitos que se foram estão por
perto, é a hora, viver foi uma angústia escura, um
nojo negro

não fales assim, não o ódio agora, o ódio não
viver é afundar-se em cada caminhada, como me
arrastei, que peso, que vaidade, e tu uma ternura
sobre os meus ossos, uma redondez sobre os
espinhos, um luxo de carícias

aquieta-te, deixa-me limpar o molhado da cara
a gosma da boca, aqui, limpa, já está bem, está bem,
preciso continuar, olha, quis te tocar lá dentro na
ferida da vida, ouviste, segurei o toque para te fazer
em dor, em mais dor, ouviste? ah cadela lixo porca
maldita eu mesma

não fales assim, não nesta hora

não é a hora da morte? por que me interrompes
nesta hora? cala-te, é morte minha. sempre que te
deitavas comigo, homem, a carne era inteira loucura
e sedução, não enfiavas os dedos, o sexo, não
sentias?

sim

a vida foi isso de sentir o corpo, contorno, vísceras,
respirar, ver, mas nunca compreender. porisso é que
me recusava muitas vezes. queria o fio lá de cima, o
tenso que o OUTRO segura, o OUTRO, entendes?
que OUTRO mamma mia?

DEUS DEUS, então tu ainda não compreendes?

Pequena porca ruiva, escuridão e chama nos costados, os olhinhos pardos, rojo corazón, rugas fininhas no lombo e nas virilhas, porca Hillé, medo e mulher, tocaste las cumbres del amor, tocaste? Ehud com vinte? Hillé com quinze? Ehud com cinquenta? Quando foi isso de perdição e luz, isso sem nome, cordão de ouro e fogo cindindo os teus meios, te deitavas terra e viuvez mas Ehud te tocava e viravas barca, incandescência, um grosso aguar, um sol de estupor também escuro e violento. Como era isso de estar sendo hen? isso de estar sendo, tempo vivo, estar sendo

Enquanto tu morrias, Ehud, minha carne era tua, e disciplina e ascese tudo que me pretendi para livrar o coração de um fogo vivo, ah, inútil inútil os longos exercícios, a fome do teu toque ainda que me recusasse, então tu não compreendias? queria escapar, Ehud, a boca numa fome eterna da tua boca, a vida era resplendor e prata, demasiada rutilância se tu me tocavas, e sinistra e soluçosa e nada quando tu não estavas

lama sabactani

Enquanto tu morrias eu te abraçava numa fúria alagada, numa sórdida doçura, minha alma era tua? o desejo era demasiado para a carne, que grande fogo vivo insuportável, que luz-ferida, que torpe dependência uma outra Hillé fingindo mansidão e langor, roliça, passiva, perla sobre o fastídio de los mármores.

me queres?

claro

pergunto se me amas, Hillé

perguntas, perguntas, como se fosse simples isso de amar, como se o peito soubesse desse adorno, como posso saber se a alma não compreende?

a alma sente

a carne é que sente

Altivez. Mentira. E depois tu saías e eu desenhava teu rosto sobre o meu, teu longo corpo, turva e inundada de ti repetia palavras: rocio, júbilo, hermosura, remolino, sconvolgente, Hillé sconbussolata, Hillé perduta

Tens uma máscara, amor, violenta e lívida, te olhar é adentrar-se na vertigem do nada, iremos juntos num todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, porisso falo falo, para te exorcizar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os duros dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia

melhor calar quando teu nome é paixão

Duas Hillé, uma tua senhora D, dois Ehud, um o que se mostrava nos cotidianos, leveza e carranquez, outro um Ehud de mim, sonhado, ou eras tu mesmo aquele que eu queria, sóbrio, os passos largos, lentidões, e uma Hillé lagamar, escura, presa à Terra, outra Hillé nubívaga, frescor e molhamento, e entre as duas uma outra que se fazia o instante, eterna, oniparente

procura compreender, Hillé, agora que estou morrendo

compreender o que, Ehud?
nomeia as ilusões, afasta-te da vertigem
hen?

loucura é o nome da tua busca. esfacelamento. cisão.
derrelição.

também senhor D, também. quando eu não estiver
mais, ouviu? quando eu não estiver mais evita o si-
lêncio, a sombra, procura o gesto, a carícia, um
outro, procura um outro, e que ele conheça o teu
corpo como eu conheci, ensina-o se for inábil e
tímido, busca tua salvação, empurra o espírito para
uma longa viagem, afasta o espírito

Toma-me, Mãe Primeira, estou cega e no fundo do
rio, encolho-me, todos os buracos cheios d'água, ve-
jo passar agigantados sentimentos, excesso ciúme
impotência, miséria de ser, quem foi Hillé se nunca
foi um nome? Hillé doença, obsessão, tocar as
unhas desse que nunca se nomeia, colocar a língua e
a palavra no coração, toma meu coração, meu nojo
extremado também, vomita-me, anseios, estupores,
labiosidades vaidosas, toma os meus sessenta,
sessenta anos vulgares e um único aspirar, suspenso,
aspirei vilas, cidades, nomes, conheci um rosto sem
face, um homem sem umbigo, um animal que falava
e os olhos mordiam, uma criança que deu dois
passos e contornou o mundo, um velho que
esquadrinhou o mundo mas quando voltou à casa
viu que não havia saído do primeiro degrau de sua
escada, vi alguém privado de sentimentos, nulo,
sozinho como Tu mesmo Menino-Porco, era
esticado e leve, era rosado, e não sentia
absolutamente nada, um dia na praia começou a cor-
rer em direção ao mar, mergulhou, e nunca mais

emergiu, eu vi quando se fez em curva e apontou a cabeça para as águas, vi dorso, nuca, brilhos, brilhos na cabeça, pensei: estranho, moveu-se como quem sentiu. Vi um lago de ouro, eu mesma, quando te toquei, Ehad, pela primeira vez, e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que

senhora D, podia por favor abrir um pouco a janela? só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzeduras, sabe o que é, senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo umas coisas, presta atenção senhora D. quem? ah sim, o homem tá dizendo que Asmodeu, Asmodeu a senhora conhece né? ele diz que sim que a senhora conhece, então, se a senhora conhece não precisa dizer muito mais, mas o homem tá dizendo que Asmodeu tá aí dentro do seu peito, hen? quem mais, moço? tem mais um aí senhora D, pera um pouco que o nome desse é mais difícil, ah sim, Astaroth, é isso, credo Astaroth, é isso, esses dois tão aí, é o homem que diz, ele também tá dizendo que esses é que fazem a senhora assim, viu senhora D? senhora D?

e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que e esses dois são fogo, senhora D vá depená o sabiá, senão te dou uma carovada uma muqueta chi credo, mulher nenhuma fala assim, vade retro. o que? vade retro é uma coisa pros dois que estão aí, pros demônios saírem.

e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que a boca amanheceu com a luz dos rubis, e vi uma pedra escudando, um extensor encolhendo, um livro

tentando olhar-se e ler-se, um sonho caminhando, uma ponte enterrada, isso muito triste uma ponte enterrada. Cisão. Esfacelamento. Um oco ardente de luz, o nome das coisas, quem tem o nome das coisas? Encostei a testa na tua testa, Menino-Porco, dois vazios teus olhos, dois assombros, nenhum sentimento nesses dois funis, entre nós nenhum parentesco.

sabe, Hillé, às vezes penso que fomos pai e filha, mãe e filho, irmão irmã, que houve lutas e nós, e fios de sangue, que eu tinha fome de ti, que eu te matei, que saía de tuas narinas um cheiro de noite dor incesto e violência, que eras velha e moça e menina, que uns guizos em mim se batiam estridentes cada vez que eu te olhava, que havias sido minha desde sempre, barro e vasilha, espelho e amplidão, infinitas vezes nós dois em flashes nítidos rapidíssimos, recortados em ouro, em negro, numa luz esvaída sombra e sépia, nós dois muito claros num parapeito de pedra cor de terra, depois me vi a mim nos corredores brancos, atado, e tu mesma a dez passos de mim, a voz um fundo, longe: lembra-te, sou eu, não podes ter esquecido, Ehud, sou eu, e alguém te segurou, Hillé, antes que me esbofeteasse a cara. Eras tu, sim, mas naquele instante eu me pensava Deus e me sabendo Deus me sabia louco. E nunca nos compreendemos como existências, atados os dois como cão e cadela, mas teu sonho era o meu, teu sangue, tua vida a minha

Há lugar para a carne no teu coração, Senhor? Há uns veios fundos e gemidos com o som do UMM?

Ehud, sabes como é a palavra Intelecto em russo? É UMM. O M prolongaco UMMMMMMMMM. a carne

é que deveria ter o som do UMM, é assim no teu peito, Senhor, o sentir da carne? de lá do escuro venho vindo, teias à minha volta, estou presa a ti, do UMM à carne, um torcido elástico no espaço de nós dois, não te separe nunca, não tentes, é sangue e gosma, é dubiez na aparência mas é cristal de rocha, vívido empedrado, é úmido também, UMM, o intelecto pulsando, a carne remançosa, na aparência, se me olhas não vêes febricidade mas se me tocas te seguro numas duras babas, tu e eu, um único novelo espiralado, não te separe nunca, não tentes, subo até teus tornozelos, vou te lambendo lassa, aspiro pelos cheiros, encontro coxa e sexo, queria te engolir, Ehud, descias em UMM pela minha laringe, UMM pelas minhas tripas, nódulos, lisuras, trituro teus conceitos, teu roxo intelecto, teu olhar para os outros, te engulo Ehud, altaneria, porte, teu compassado, teu não saber de mim, teu muito-nada compreender, deslizas em UMM pelos tubos das vísceras, teu misturar-se a mim, adentrado desfazido, não és mais Ehud, és Hillé e agora não te temo murmuras hen? e é tudo tão simples, Hillé, um azul sebososo, um passar sobre, alguns tombos.

o quê?

a vida, azul sebososo, tu crias um caminho de dores para ti, Hillé, o coração e o UMM também são ilusões, descansa.

não posso, as coisas pulsam, tudo pulsa, há sons o tempo inteiro, tu não ouves? os sons da cor, teu som,

Ehud

como é o meu som?

quando caminhas pela casa me dizendo mentiras, te

fazendo leve, é estridente, uniforme, o apito do homem do trem antes do trem sair, tu sabes aos poucos te incorporas ao existir do trem e comesças a ser o som nevoento das rodas, expulsas uns chiados senhora D, teu som é o som do UMM me assusta, sabes?

depois quando te deitas e me tocas, uns graves curtos vão se fazendo, olhe, se os figos emitissem sons quando os abrimos seria esse teu som nessa hora quando me tocas

e depois?

quando os cães raspam uma terra úmida

sim, afundam o focinho também, aspiram

expectativa, alguma coisa viva por ali

alguns só raspam a terra para espojarem-se depois, de costas

não tu, Ehad, é como se o vento, a terra, a dura cartilagem, em saliva e cheiro me tocassem, tubas, flautas

deves ouvir Mussorgsky, nem sonatas, nem trios, nem quartetos de cordas, só vida, palpitação. Se pudesses esquecer, Hillé, teias, torsões, sentir a minha mão sem o teu vivo-morte, te acaricio apenas, olha, é a mão de um homem, vê que simples, dedos, mornura, te acaricio apenas, e tua pele teu corpo vai sentir a minha mão como se a água te circundasse, não sou eu Ehad experienciado em ti, me vês como nunca me pude ver, eu Ehad não sou esse que vivencias em ti, és Hillé apenas, Hillé que pode ser feliz só sendo assim tocada, não é bom? fecha os olhos procura imaginar o vazio, o azul sebooso, pequenos tombos, eu um homem te tocando porque te amo e

porque o corpo foi feito para ser tocado, toca-me também sem essa cristação, é linda a carne, não me te o Outro nisso, não me olhes assim, o Outro ninguém sabe, Hillé, Ele não te vê, não te ouve, nunca soube de ti, sou eu Ehud, sopro e ternura, sim claro que também avidez e sombra muitas vezes, mas é apenas um homem que te toca, e metemos, é isso senhora D, merda, é apenas isso se muere alguien?

agora vamos, tira a roupa, pega, me beija, abre a boca, mais, não geme assim, não é para mim esse gemido, eu sei, é pra esse Porco-Menino que tu gemes, pro invisível, pra luz pro nojo, fornicas com aquele Outro, não fodes comigo, maldita, tu não fodes comigo

ah ela não é certa não, tá pirada da bola, e isso pega, tu não lembra que meu marido pifô quando não pude fazer aquele bacalhau tu não lembra? começô berrando cadê o bacalhau mulher e eu dizendo porra Juvêncio que bacalhau? porque não tinha bacalhau, madona, aqui em casa, aí eu dizia te acalma a gente vai buscar, que é isso Juvêncio, e pois é, espumô, babô, caiu duro. e meu avô que se escondeu de todos derepente porque achava que era um morango e ia ser chupado. isso pega e o Joca que enfiô o dedo no cu da criança do Zitinho dizendo que lá era a boca de Deus.

virge nossa

e a pretinha, cês não lembra?

qual?

aquela que era preta e se atirô no cal, tô dizendo que pega

credo qual?
pois a única preta aqui da vila que ficô branca
ahnnn, aquela, mas aquela não tava loca não, queria
zarpá mesmo pro outro lado
virge tá todo mundo mal, ontem também senti uns
troço aqui por dentro
tu precisa é metê, Dia Dez
não me chama de Dia Dez, tu sabe que eu não
gosto.
por que hen pai chamam ele de Dia Dez?
porque ele grita pra mulher todo dia: hoje não, só
dia dez
por que pai?
a muié qué metê, menino, e ele só mete de cabeça
fresca, no dia do pagamento dele: dia dez
cala a boca, nhola
pai, tu sabe qual é o cúmulo da paciência?
não, idiotinha, qualé?
é cagá na gaiola e esperá a bosta cantá. que cara, pai,
que cara que tu faz pra mim, eu não pedi pra nascê,
tu é que me fez, e passarinho que come pedra sabe o
cu que tem.

Los rios, las cadenas, la cárcel, o cárcere de si mesma,
sessenta anos, adeus Hillé, desconheces quase toda tua
totalidade, que contornos havia aos quinze anos aos
vinte, lá dentro do ventre, que águas, plasma e san-
gue, que rio te contornava? que geografia se dese-
nhava no teu rosto, e o rosto daquela que te carre-
gava na barriga, como era? como te carregava essa
que habitavas? como eras, Hillé, antes que o amor
surgisse entre aquelas duas almas, pai-mãe, quando

ele era jovem e se perguntava que mulher se deitaria
sob seu grande corpo, que fúria de palavras lhe viria
à boca, amada, loca, luz que caminhou baça sob as
águas, então eras tu? sabes, Hillé, às vezes penso que
se ficares sozinha, se eu morrer antes, sabe, às vezes
penso que deves ter um homem jovem porque
sim Ehud

porque sabes muitas coisas, essas da alma, e um
saber demasiado

oscurece el alma

isso mesmo, e porisso talvez alguém de vinte, vinte
cinco, meio diminuído, sensualão

Rimbaud tinha dezenove quando escreveu aquilo

é, mas é raro, moçoilos são fracotes no UMM, e
então continuando, um de vinte, vinte cinco talvez,
duro e vigoroso, um que não sucumba diante do
mosaico intumescido de cores vivas onde desenhás
a vida, e num canto lá em cima desse grande
mosaico um negrume de vísceras, um desespero só
teu, esse negrume teu que busca

es que busco La Cara, La Oscura Cara

bobagem. então continuando, esse muito jovem há
de sorrir diante do teu discurso, te põe de imediato a
mão nas tetas e diz teu Deus sou eu, Hillé, já me
encontreste, e se ainda continuares com tuas preten-
sas justas palavras e tua cara de pedra quando falas
na busca, esse muito jovem há de te mostrar

já sei. uma bela caceta

isso. e delicado mas firme te faz abrir as pernas e
repete

sei. teu Deus sou eu.

acertaste. então balbuciarás uns secos eruditos, e

gosmas de desgosto ainda na tua cara, um rítus que
deformará tua linda boca, mas aos poucos

já sei

então sabes. escolhe alguém que não te leve a sério,
porque

sim Ehud, el alma de Hillé se oscurece por lo mu-
cho que sabe. Como um grande buraco transbor-
dante de águas, ah, não fizeram valetas? vê como a
água se espria em direção a nada, vai avançando,
engolindo tudo no caminho. Engulo-te homem
Cristo no caminho das águas, se eras homem sabias
desse turvo no peito, desse grande desconhecimento
que de tão grande se parece à sabedoria, de estar
presente no mundo sabendo que há um pai eterna-
mente ausente. Hillé, teu pai está morrendo, te
chama

longa breve plena vida bastando para a vida, por que
esperas demais se as coisas estão aí à tua frente, é só
sentir, minha filha, e olhar além do muro

olha só, a loca tá nos olhando

revira os olhinhos de porca

credo como tá desgrenhada.

e... filha... ainda fechando as janelas, curvando a
nuca, sozinha nesta escuridão, o que te parece parco
e pequenino, um filete de vida desaguando magro
sobre toda tua superfície de carne e víscera, ainda
isso é pleno e basta para a vida, Hillé, perguntar não
amansa o coração.

pai, lembra-te de mim quando estiveres lá, do outro
lado

me dá tua mão

lembra-te que perguntaste como ficava a alma na
loucura. quando te fores, responde-me de lá.

aperta a minha mão
lembra-te que me prometeste que me guardarias pa-
ra que eu não enlouquecesse, e agora sozinha, vazio
o teu espaço, aperta-me como a uma criancinha
Hillé, deixa-me subir ao barco que me levará ao
outro lado. onde está Ehad?
aqui, estou aqui, tua filha vai ficar bem, eu estarei ao
lado para sempre
cuida. não deixa que faça as minhas mesmas pergun-
tas, a casa deve ficar mais clara, casa de sol, enten-
des? na sombra, Hillé se faz mais sábia, pesa, mergu-
lha em direção às conchas, quer abri-las, pensa que
há de encontrar as pérolas e talvez encontre, mas
não suportará, entendes? te falo ao ouvido, não há
coisa alguma dentro delas
das conchas?
dentro das pérolas, Ehad, nada, ocas, entendes?
afasta Hillé de mim na minha agonia, pelas mãos,
pelo hálito, pelo grande fogo saindo do seu corpo
ela me segura a esta vida. e devo ir. o perfil dos
lobos
o que, pai?
o perfil dos lobos, Hillé, um ramo de adagas, túneis,
uivos e centelhas, farejo o infinito, torci-me inteiro,
aspirei meus avessos, queria tanto conhecer e agora
não só me esqueci do que queria conhecer como
também não tenho a lembrança do início de todo
esquecimento, lembro-me do perfil dos lobos, eu sei
que os vi, ou eram homens? ou era eu mesmo dupli-
cado, todo tenso, pelos e narinas, ah muito
amoroso, eu fui um lobo, Hillé? amei alguém que se
parecia contigo, minha filha, toca-me, talvez me
lembre, tinha um nome longo **ís** e **ás** e **es**, mas isso
não importa, cola-se àquele rosto um outro rosto,

nítidas dissimetrias, esse alguém me conhece nos meus mínimos, esse alguém dois, essa mulher duas, Ehad, faça com que ela se deite aqui comigo, essa tua mulher minha filha. sai, Hillé, teu pai terá uma longa e agressiva agonia.

eu quero ficar

que se deite aqui e sinta comigo os murmúrios, palavras que deslizam numa teia, uma estacou agora, e vagorosamente uns fios brilhosos se torcem à sua volta, meu deus, vão recobri-la, que palavra, que palavra? CONHECIMENTO, Hillé, ainda posso vê-la, CONHECIMENTO sendo sufocada por uns fios finos e de matéria densa. pronto. apagou-se. havia tardes, Hillé, tardes de palha, estalidos, securas, eu ia andando e sentia nada, sentia sim um descolorido pedregoso, sei que olhava as navalhas da pedra, sei que sangrava mas não sentia dor, eram pés de palha que sangravam, eu inteiro era vazio, estofado de palha, terra e palha eu inteiro. e deitei-me ali sobre as navalhas

e então, pai?

então fui cortado em delicadíssimos pedaços

como cortamos a salada de acelga

sim, Hillé, é isso, um montículo de palha e terra, minúcias, salada de acelga, é bem isso, e o que foi a vida? uma aventura obscena, de tão lúcida.

Me deitei ao teu lado na tua agonia, escutei verdades e vazios.

Inutilidades. Caminho com pés inchados. Édipo-mulher, e encontro o quê? Memórias, velhice, tateio nada, amizades que se foram, objetos que foram acariciados, pequenas luzes sobre eles nesta tarde,

neste agora, cerco-os com minha pequena luz, uma que me resta, ínfima, amarela, e eles continuam estáticos e ocos, sobre as grandes mesas, sobre as arcas, sobre a estante escura, sonâmbula vou indo, meu passo pobre, meu olho morrendo antes de mim, a pálpebra descida, crestada, os ralos cabelos, os dentes que parecem agrandados, as gengivas subindo, procuro um naco de espelho e olho para Hillé sessenta, Hillé e emoções desmedidas, fogo e sepultura, e falas falas, desperdícios

a vida foi, Hillé, como se eu tocasse sozinho um instrumento, qualquer um, baixo, flautim, pistão, oboé, como se eu tocasse sozinho apenas um momento da partitura, mas o concerto todo onde está?

Desperdícios sim, tentar compor o discurso sem saber do seu começo e do seu fim ou o porquê da necessidade de compor o discurso, o porquê de tentar situar-se, é como segurar o centro de uma corda sobre o abismo e nem saber como é que se foi parar ali, se vamos para a esquerda ou para a direita, ao redor a névoa, abaixo um ronco, ou acima? Águas? Vozes? Naves? Reconstituo noites de sofisticções, política, deveres, uma sociologia do futuro, um estar aqui, me pedem, irmanada com o mundo, e atuar, e autores, citações, labiosidade espumante, o ouvido ouvindo antes de tudo a si próprio mas respondendo às gentes com elegância propriedade esmero como se de fato ouvisse as gentes, teatro, tudo teatro

me responde, filha, o concerto todo onde está?

me responde, Ehud, o concerto todo onde está?

isso de procurar a orquestra, senhora D, é coisa de vadios, sabe-se lá, mudaram-se todos, que te importa

o som de todos se tens o teu? digo-te que a treva há
de invadir a luz que ainda tens se
qual?

a ínfima, amarela. de persistires o escuro toma conta
de tudo, anda me faz um café, um chocolate ia bem,
e aqueles pãezinhos, as broas, ainda não estão duras
demais, estão? e olha, Hillé, amanhã sem falta vou te
comprar uma saia, quem sabe descubro uma de um
vermelho fosco, de uns fios de ouro velho, e colocas
a tua blusa trançada de branco e dourado e soltando
o cabelo, assim, vem cá
estão ralos

estão lindos. e compramos um vinho e
Quem foi, Ehud, que apagou meu envoltório de luz,
quem em mim pergunta o irrespondível, quem não
ouve, quem envelhece tanto, quem desgasta a ponta
dos meus dedos tateando tudo, quem em mim não
sente?

sabe que o mocinho verdureiro passou hoje pela
janela dela e a porca quis tocar a cabeça do boneco?
porque ele é bem bonitinho o boneco verdureiro
quem que cê disse?

o zico, tô te dizendo, a bruxa quis afagar a cabecinha
dele, hoje ela tava sem máscara, com a cara dela
mesma, toda amarfanhada, e aquela blusa cor de
bosta toda trançada, o mocinho olhou com o zóio
assim ó, parou, e cuspiu na mão dela
credo, que gente ruim também

tu defende a porca?

é caridade, né gente, a mulher tá sozinha,
escurecendo

ela ficou olhando o cuspe, fechô a mão, fechô a
janela

bem devagar
pro cuspe não cair
São muitas as risadas, devo lembrar-me da minha?
Em algum lugar alguém falou da metafísica da risada,
de tratados até, risadas... um gorgulho na garganta,
as bochechas franzidas, tu rias, EHUD? Rias, pai?
Rias, Hillé? Eu ria muito quando minha amiga L ar-
rumava os pés, lixava aquelas unhas com tanto cui-
dado, o dedão era o preferido, ficava lindo o dedão,
eu dizia; Ó L, alguém vai te chupar o dedão? Então
ríamos.

teu pé é bonito, Hillé, caminhou pouco mas sabe
quase tudo

Os pés do pai, magros, brancos, algumas veias ex-
plodindo em azul. Alguns loucos ficam de pé,
parados, horas e horas
não tá cansado não?

A resposta não vem, o olhar um cinza esticado,
longo, de repente um metal de ponta, seco, furante,
um raivoso de garra, um nojo, duas aves se batendo,
sangue no peito, nas unhas

é que os teus pés estão roxos, pai
puta Hillé, igualzinha à mãe, esses tons afáveis es-
condem a bola negra da mentira, ah como parece
delicada a avezinha, que pios, que penugem, que re-
dondinho claro esse olho dourado, mas lá dentro o
fundo garreia o teu coração, exige o teu coração

por que ele diz isso, EHUD?

quem é que sabe o que vê
em mim?

nele, Hillé, nele

em mim, EHUD, na minha cara um estupor um nunca

compreender, um enrugado mole, olha como é a
minha cara sem o teatro para o outro

um pouco caidinha sim

desesperada Ehad, porque todas as perdas estão
aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras,
en el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e
como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da
miséria? que amor é esse que empurra a cabeça do
outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua
própria cabeça? e o que Ele fez com Jó, te lembras?

teu deus está a salvo, Hillé, fica contente

que boniteza isso de amá-lo nos seus confins e
chafurdar por aqui

Ter sido. E não poder esquecer. Ter sido. E não mais
lembrar. Ser. E perder-se. Repeti gestos palavras
passos. Cruzei com tantos rostos, alguns toquei, que
sentimentos eram Hillé quando cruzava tocava aque-
les rostos? Te busquei, Infinito, Perdurável, Impere-
cível, em tantos gestos palavras passos, em alguma
boca fiquei, curva sinuosidade, espessura, gosto, que
alma tem essa boca? E os gestos, meu Deus, como os
tomei para mim: lerdos frívolos pausados recebendo
o mundo, afoitos grotescos. E os gestos passos pala-
vras daqueles que me fizeram sentir amor, gratidão
em mim inteira, e que ouro que suculências que
aroma desejaria ter tido, e casas brilhos, aves, poe-
mas, luz desejaria ter tido, tudo aos pés desses que
me fizeram sentir amor. Caminhei escura pelas ruas,
parei à margem de alguns rios escuros também, e
torpe e nítida para mim mesma convivi com Hillé e
seus negrumes, sua minimez, seu ter sido e esquecer,
seu ter sido e não mais lembrar, seu ser e perder-se.

Hoje convivo com Derrelição, com a senhora D, seu grandiloquente lá de dentro, seu sempre ficar à frente de um Outro que não a escuta, posta-se diante Dele de todos os modos, velha idiota. Mãos na cintura, é a hora dos tamancos: então, Porco-Menino, estou aqui em trevas, em miséria, acelerada na veia e na víscera, então, é bom estar a salvo dos piolhentos como eu mesma? Ou quando se ajoelha, os olhos rubros destilando vertentes:

acode-me, meu Pai, me lembro de tão pouco mas ainda sei que és Pai, olha-me, toca-me, como se o Outro tivesse tempo para se deter em velhotas frescas, escolhendo ditados, sabe que se vira no avesso para fazer ribombar com sua fala pomposa os ouvidos do Ausente, e como arremeda modéstia humildade pobreza até

eu Nada, eu nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa

e agora alisa os peixes de papel, esfarelam-se nas suas mão sempre úmidas, vai até a pia, lava-se, enxuga-se na saia ensebada, olha entre as frestas da janela, volta-se, ajoelha-se no vão da escada, e daqui a pouco tu podes vê-la levitando, o cabelo ralo tocando o teto da casa, e não foi milagre do Outro não, é ela mesma e seus ardores nojentos, seu fogo de perguntas, seu encarnado coração que levanta esse pesado tosco que é seu corpo, vejam, está ali, o couro rosado tocando o teto, de mãos postas a porca, como se além do teto no espaço através do telhado o olho do Senhor sobre essa toda pensante, pousado ela pensa, o olho do Senhor de ouro e lírio sobre o couro velhusco da senhora D. Pousado. Que amou Ehud ela diz, ó por favor, enquanto o

coitado viveu atormentou neurônios e sentidos do afável senhor, sempre sempre o enrodilhado perguntante, na hora da comida, da trepada, do sono, até na privada inventou que a luz de umas rosáceas incidia na coxa, reverberava nos ladrilhos, que até ali estava o Senhor, quero dizer até ali o fulgor de alguma coisa viva que ela não sabia. E hud manso, chinelo, o jornal na mão, à espera de um café que ela nunca fazia

sim, Hillé, por certo deve estar por aí o teu Senhor.

Sinuosa, juncos torcidos de intrigas metafísicas, aos poucos foram se afastando dela, alguns casais, supostos amigos, perguntava às madamas derepente: você sente às vezes o irreal desses ires e vires, o ininteligível de todos os passos, hen, sente? A madama olhava o marido, abestada, o marido dizia: sabe, Hillé, minha mulher não entende essas angústias da gente.

a mulher: ahnn, não entende é?

o marido: não é isso, benzinho, Hillé quer dizer que

a mulher: quer dizer o caralho, tu entendes muito é de meter

e taponas, empurrões, o marido tropeçando e pedindo desculpas pela grosseria da mulher, e E hud um sorriso miúdo, adoçado, e Hillé: meu Deus, alguma coisa errada não foi, E hud?

claro que não, senhora D

Hei de estar contigo, com teus nós, teu rosto de maçãs, bravias, duras, morta sim é que estarei inteira, acabada, pronta como fui pensada pelo inominável tão desrosteado, morta serei fiel a um pensado que eu não soube ser, morta talvez tenha a cor que sempre quis, um vermelho urucum, ou um vermelho ainda

sem nome tijolês-morango-sépie e sombra, a teu lado eu cromo feito em escarlatim, acabados nós dois, perfeitíssimos porque mortos, as mãos numa entrelaçadura de muito luzimento, mão minha que tocou teu corpo luxesco, comprido, teu corpo uma brilhância incircunscritível, tão doce para minha língua muito em timidez, mais doce ainda na corriqueirice dos dias, puro meloso depois, tua boca em mim, cheia de colibris tua boca, mortos um dia os dois, atados, um irrompível eterno, as gentes vão olhar abrindo os olhos em boca de poço. Mas nas nossas caras, pernas, tronco, na luminância das nossas mãos nenhum recado ou talvez sim um logogrifo, chispas, um canto vindo da ossatura da terra, um feixe de puro branco. Laumim. Ancas.

Hillé, minha filha, boas e vadias e solenes ilusões, movemo-nos pelas ilusões, gigantescas e fofas, fiquei lumpesinando dentro delas e como gostei, Hillé, anos apenas, mas que deliciosa deixação as ilusões, pai?

e que desgosto compreender, saber à frente dos passos.

esquisofagia, senhora D, deixa teu pai morrer fica, Hillé, deita-te aqui comigo, traz um espelho pra quê?

quero ver minha cara, que horas?

madrugada

então vem, deita-te aqui, segura o espelho assim, madrugada, lúrida cara

o que, pai?

lúrida cara, arranjo nomes, palavras para guardar na arca

que arca?

não disseram isso? porque guardei palavras numa grande arca e as levarei comigo, não disseram isso em algum lugar? então guarda para tua arca: lúrido, undívago, intáctil

Convém que sejam dois peixes de papel porque se recorto apenas um ele se desfaz mais depressa, já notei, será possível que até as coisas precisem de seu duplo? mais depressa no fosso se sozinhas? Hillé e mais alguém, seria bom. Mas o quê? Quem? Quem ou quê seria Hillé tão duro e som? Tão estridência, arcada, sabichona, misto de mulher e intelijumência? Rimas soltas voejando o vão da escada, rotas rimas, fistulosas, rimas na margin da viuvez, uma cantoria esmagada na planta dos pés

hembra dura, cerrada

los duros en la cara

hembra de piedra mala

Madura. A boca visguenta no calhau do medo. Em abstinência de compreensão, no entanto compreendendo. Ó cantatriz, acaba ainda hoje teu falar demostênico, injúrias, perdições, que compridez a vida, o rombo na cara da alma, juntaram vômitos e feridas, dúvidas pontudas, um arcabouço colmilhoso, uma fístula frenética mas cheirando a jasmin, rompantes de susto, um ser-mulher tão machetado de redondos de ferro, de tumidez e pregos, um ser mulher quase inconcesso de tão disparatado e novo, e muito velho esse ser, sua alma vem de águas lá de dentro das pedras e teve pai e mãe mas também nunca os teve porque veio de um Outro dizendo num dejúrio:

que é isso pai e mãe? por que me perguntas coisas que nunca ouvi? quem te colocou nomes na boca?

que eu os inventei? Hillé, estás louca, de mim somente um todo de ti, arquejei, dobrei-me lunulado, esforço em magma para colocar de pé esses ossos de ti, e agora inventas nomes pai e mãe dizendo que eu os coloquei nas tuas cordas de dentro? que eu fiz nascer o quê? ruídos de sentimentos? Estás louca. Insonioso, esquecendo a cor do tempo, fui espumando lento um ser-mulher a meu gosto. E eras tu. A meu gosto. Jamais um alvoroço de sons que não conheço. Que sentimentos, que sentimentos?

quente a tua cama, pai, tua testa, quente. queimas. a morte é fria. então ainda não é hora.

Um ser que se descasca. Sem Deus. Sinistrosa lassa. Vai rebrilhar escura no seu osso. E por que eu te amei, Hillé? Ó meu deus, meu deus. Teu deus miúdo agora te pergunta, Ehud: havia outras mulheres, não havia? Por que escolheste a minha? Havia Antônias Letícias, Lídias Açucenas, mil Marias, do Carmo da Aparecida da Graça, Maria Lúcia, Cristina. Desta te lembras? Que soberba naquela anca pura. E todas frívolas, benditas, amenas num falatório aguado, chiavam, os dentinhos magnos, coxas que se abriam sempre, estremeçõezinhos vagos, delícias acabadas para Ehud modesto

sábio é o que tu és, Ehud

por que, senhora D?

ao teu redor um tempo conhecido palmilhado, o olhar de quem conheceu muito, e porque quis, desaprendeu.

e o teu? e o teu olhar?

o olho obsceno do meu Deus

Sorriso diante da megalômana. Sedutora. Fêmea e força. E continuo no roteiro da saudade dos meus

mínimos. Do que fui antes de conhecê-la. Dos passeios supostamente castos e no meio das minhas pernas um tímido agitado, das mãozinhas inábeis e ainda assim deliciosas daquelas senhoritas, ocas senhoritas, pequenas repolhudas, eu falava orifício e elas respondiam ah sim sabemos, aqueles prédios altos. Agora senhoras. E onde estão? Onde? Bem, mas devo voltar e dizer à Hillé: não procura o pai, procura a ti. Rebusco-me para um dizer distraído e antes de fazê-lo Hillé me antecede: sabes, EHUD, quando penso em procurar-me a mim, assoma um tropeço sem trégua, e afrontas no equilíbrio, pé e cara, e vejo os retratos lá longe, reduzidos, redutores também, a vida-retrato no funil do infinito quem é essa aqui piquinininha, essa que cobre o olho, da luz?

sou eu Hillé

e te lembras dessa hora? te lembras desse agulhão no olho?

Luz que não vem mais. Sucção que aspiro, boca e olhos abertos numa incondicionada espera, tento apoderar-me dos definitivos, isto é definitivo, Hillé, não pergunta mais, há tolices pestilentas acabando em perguntas, parênteses absurdos, notas ao pé da página tão serpenteadas, tão mexidosas, e outras quietas, quase severas, porejando apenas um levantar de sobrancelhas, um repuxão na boca, notas ao pé da página que não esqueces jamais, cada vez que te lembravas desejas repouso, extrema-unção, um passo à frente abismoso e último. O quê? O quê? Que coisas diz esta nota ao pé da página? Encorpada densa resistível não queres mais, vou esquecê-la, mas aí um

pequeno clarão inundando pés e canelas: então viram isso? na lasca de uma pedra encontraram um todo ser vivo? encontraram um olho ígneo na rocha, no cristal?

torradas, Hillé, pepinos e geleias, um sanduíche novo para você

escute, Ehad, lê lê esta nota ao pé da página

pensei pepinos e geleia porque, vê só, as cores são fantásticas, verde e rubro, o prazer do olho faz abrir a boca, claro, e olhe, senhora D, ninguém no mundo te fará jamais esses sanduíches, um gozo ameno mas escuta Ehad

e tem mais, amanhã teremos um flambado de reis, amendoins morangos e um licor do fundo da geena, voluptuoso, com lasquinhas de ouro

que na lasca de uma pedra encontraram

e um vinho do meu avô. e velas.

que encontraram um todo ser vivo

o teu cabelo está lindo hoje

e um olho ígneo num cristal de rocha, lê lê, esta nota ao pé da página,

E eu Ehad posso lhe oferecer tudo, mexilhões, lagostas, molhos de mostarda manteiga e vinho velho. Há alguns anos atrás atirava-a na cama e era brusco e caótico e sôfrego e virtuoso, e durante algum tempo amada minha Hillé, nós dois o mundo, nós dois um vivo habitável, uma casa, uma aldeia, uma cidade, tateios que percorríamos juntos, geografias perfumadas, carne de homem e de mulher um macio nervoso, um-dois-só e complicados e esticâncias, luzes lá por dentro, palmas dos pés, dedilhos, aguaceiras.

Convivo há alguns dias com a senhora P, a porca que escapuliu do quintal de algum. Abri a porta e ela entrou numa corrida guinchada, bambolando. Lá fora o estriduloso da vizinhança, depois silêncio, depois algumas chalaças gritadas mas nem tanto. Depois algum lapuz berrou: vá vá Dominico, deixa a porca pra louca, tu tem tantas, porca e louca se entendem. Ficou num esquinado ao lado da cozinha, achei uns guardados de milho, dei água, umas verduras velhas arrancadas do que foi horta um dia no quintal. Olhei a macieira de maçãs azedinhas, disse que não tocaria mais coisa tão viva mas toquei, vivas nem tanto, são pequenas maçãs, esboçam o vermelho, tímidas em redondez, mais desengonço que redondo, não me queimam as mãos. Tento sair da minha pulverescência, e olho longamente a senhora P. Me olha. É parda, soturna, medrosa, no lombo uma lastimadura, um rombo sanguinolento. Hoje pude me aproximar muito lenta, e como diria o sóbrio: pensei-lhe os ferimentos. Roxo-encarnado sem vivez este rombo me lembra minha própria ferida, espessa funda ferida da vida. Porque não me tocaste, Senhor, e nem me pensaste sóbrio os ferimentos, porque nem o calor da ponta dos teus dedos foi sentido por mim, porque mergulho num grosso emaranhado de solidões e misérias e te buscando emerjo de mim mesma as mãos cheias de lodo e de poeira, este meu roxo-encarnado sem vivez reside em mim há séculos, lapidescente na superfície mas fervilhante e rubro logo abaixo, eterno em dor com a tua esquivez. Rimas pesadas ciciosas,

sem intenção, e os unguentos no lombo da senhora P, roçados de focinho, fungadas mornas no meu braço, os olhos um aquoso de incompreensão e de doçura, um sem-Deu sem-Deus hifenizado sempre, sem-Deus sem-Deus. Conheces o canto do pássaro sem-fim, senhora P? sem-fim, sem-fim, sem-fim nosso existir sem-Deus. E me vem que só posso entender a senhora P, sendo-a. Me vem também, Senhor, que de um certo modo, não sei como, me vem que muito desejas ser Hillé, um atormentado ser humano. E SENTIR. Ainda que seja o aguilhão de um roxo-encarnado aparentemente sem vivez.

E há de vir um tempo, meu pai, que tu e eu não estaremos mais, nem Ehad, e estaremos onde num sem tempo? Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas

as urtigas tão veludosas

Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas, e leve num sem carnes, e tateante de coisas mortas, a cabeça fremente de clarões, a boca expelindo ainda palavras-agonia, datas, números, o nome dos meus cães, bacias de água quente pela casa

os pés estão gelados, traz as bacias, deixa-me esfregar assim, ah, não adianta

o nome dos meus cães, dos três pássaros, pedaços de frases

incrível	sol	morrendo
noite	dor	daqui a pouco
luz	palidez	amanhã
estranho	cães	sabem

incrível o sol de hoje e ela morrendo
à noite ela tem muita dor e é noite daqui a pouco
na luz vê-se mais a palidez, ela resiste até quando?
até amanhã, disseram
estranho, os cães ficam todos ao redor, eles sabem
sabem sim, os cães de Hillé sabem
como todos os cães
não
olha, até a porca vem vindo
a senhora P. é esse o nome que Hillé deu à porca
Hillé era turva, não?
um susto que adquiriu compreensão.
que cê disse, menino?
o que você ouviu: um susto que adquiriu compreen-
são. isso era Hillé.
Ahn. cê é daqui, menino?
eu moro longe. mas conheci Hillé muito bem.
como cê chama?
me chamam de Porco-Menino.
Por quê?
Porque eu gosto de porcos. Gosto de gente
também.
Ahn.

Livrai-me, Senhor, dos abestados e dos atoleimados.

Casa do Sol, 04 de Setembro de 1981

Revisado e adequado ao NAO por *Joroncas*